

---

## *Argonautas faz cem anos*

Argonauts turns a hundred years old

**Mariza Peirano**

---

**Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/13116>

DOI: 10.4000/pontourbe.13116

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

Data de publicação: 28 dezembro 2022

**Referência eletrónica**

Mariza Peirano, «*Argonautas faz cem anos*», *Ponto Urbe* [Online], 30 v.2 | 2022, posto online no dia 28 dezembro 2022, consultado o 01 março 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/13116> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.13116>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 março 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0  
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

---

# Argonautas faz cem anos<sup>1</sup>

Argonauts turns a hundred years old

Mariza Peirano

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em 21/10/2022 / Original Version 21/10/2022

Aceitação / Accepted 21/11/2022



Trobriandeses na Melanésia

- 1 A primeira grande monografia de Bronislaw Malinowski completa 100 anos. Foi em 1922 que a editora Routledge publicou *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Durante o último século, o livro foi ora aplaudido, ora criticado, mas marcou a antropologia com um *antes* e um *depois* – antes e depois de *Argonautas*. A obra tornou-se célebre por estabelecer padrões para a pesquisa de campo e resultar de um trabalho longo e intensivo. A partir daí, adquiriu aspectos míticos como rito de iniciação na disciplina. O reconhecimento de que a monografia alcançou enorme prestígio na antropologia pode ser visto nas inúmeras publicações por ocasião da proximidade do seu centenário, em várias partes do mundo, reunindo estudos, novas avaliações, debates e depoimentos.<sup>2</sup>

- 2 O manuscrito de *Argonautas* ficou pronto um ano antes de sua publicação, em 1921, mas foi recusado duas vezes: primeiro, pela editora Macmillan, que considerou que o livro não teria apelo público; depois, pela Cambridge University Press, que demandou uma contrapartida financeira considerável.
- 3 O detalhe é que o manuscrito recusado por essas editoras tinha o nome *The Kula*, título enigmático na época, e era de um autor praticamente desconhecido. Depois dos fracassos, Malinowski resolveu apresentar um título mais expressivo à Routledge, fazendo uso do termo “argonautas”, com um subtítulo detalhado: “Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia”. A partir dessa experiência, parece que Malinowski e os antropólogos em geral aprenderam que títulos importam, e vendem. (Continuamos a fazer alusões poéticas ao batizar nossos trabalhos, com o acréscimo de um subtítulo que esclarece seu conteúdo).
- 4 \*
- 5 Mas por que comemorar os 100 anos de *Argonautas* quando várias outras publicações etnográficas, que também resultavam de pesquisa de campo, já haviam sido divulgadas na época?<sup>3</sup> Por exemplo, os trabalhos de Franz Boas ou, também de 1922, *The Andaman Islanders*, de Radcliffe-Brown? Por que o livro de Malinowski se tornou para muitos um “clássico”? É minha convicção que, bem além da sua conhecida “Introdução” à monografia, ainda hoje lida religiosamente em vários cursos, há um conjunto de características implícitas em *Argonautas* marcando a antropologia.
- 6 Resumindo o impacto do próprio Malinowski, um de seus ex-alunos, Edmund Leach, mencionou em 1986:
- Houve um momento em que eu achava que Malinowski não podia errar. Na fase seguinte, Malinowski não podia acertar. Mas com a maturidade cheguei a ver que havia mérito nos dois lados. É assim que as humanidades se desenvolvem. Mas quando a sequência parece um círculo, você não está de volta onde começou. Você mudou um pouco, ou você mudou para outro lugar (Leach apud Kuper, 2002, s/p.).
- 7 Sim, as humanidades desenvolvem-se de forma espiralada.
- 8 No Brasil, a tradução só foi publicada em 1976, mais de meio século depois do original. É possível que a demora tenha resultado da percepção de que se tratava de “mera” etnografia. A ênfase das novas ciências sociais no país era teórica; simples etnografias não eram estimuladas.<sup>4</sup>
- 9 \*
- 10 Temos alguns fantasmas a enfrentar quando falamos de *Argonautas*: como qualquer fenômeno histórico, é sempre necessária certa cautela para evitar uma atitude “presentista”, isto é, aquela que julga o passado com nossos valores atuais. Aqui, trata-se do contexto do colonialismo: Malinowski era crítico dos missionários e da empresa colonial da sua época, mas era também um homem do seu tempo – por exemplo, usava termos hoje criticáveis, como “primitivos” e “selvagens”, comuns nas publicações de então, e até mesmo *niggers* em textos particulares, como em cartas e no seu diário de campo. O *Diário*, documento privado que veio a público em 1967 e que continha esse termo ofensivo, mas utilizado no cotidiano colonial, tinha o objetivo de autoanálise. Malinowski vinha lendo Freud e confessava, como se à frente de um terapeuta, que se cansava da convivência com os trobriandeses, ansiava por sua noiva, tinha delírios eróticos com nativas, e acreditava-se um “revolucionário” da antropologia.<sup>5</sup>

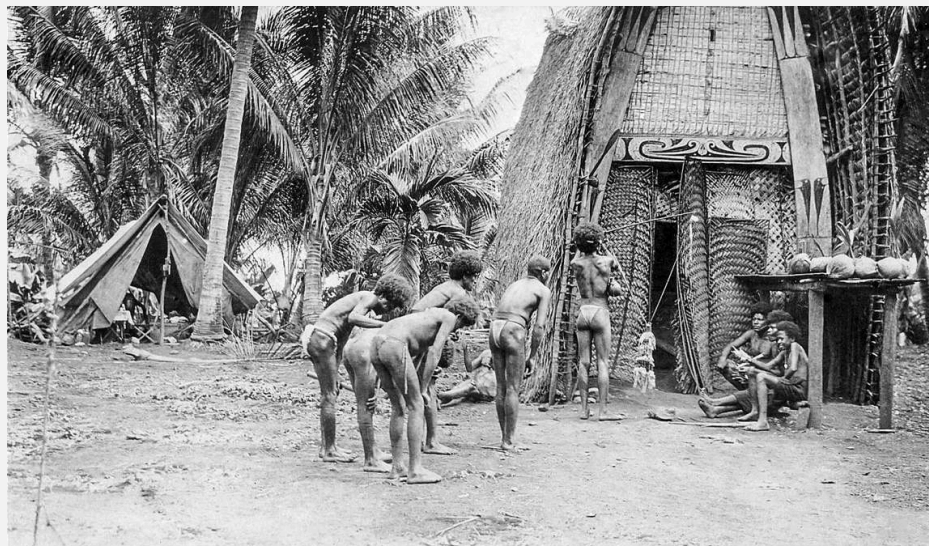
- 11 A questão continua a merecer reflexão. Em 2021, a biblioteca da London School of Economics, guardiã do acervo de Malinowski, organizou um seminário para discutir essa questão e incluiu, em todos os itens do repositório (textos, gravações, fotos) a seguinte observação:
- 12 Reconhecemos que existem descrições de arquivo dentro desta coleção cuja linguagem, comumente usada em antropologia e estudos etnográficos no início do século 20, agora é considerada ofensiva. Os termos existem nos registros e títulos originais das publicações, e os nomes das pastas foram reproduzidos para fornecer uma representação precisa da época em que os documentos foram criados.<sup>6</sup>
- 13 Apesar disso, são prova dos termos amigáveis que Malinowski manteve no campo os nomes próprios de muitos trobriandeses em *Argonautas*, as constantes reuniões com nativos na sua tenda, as confidências sexuais dos nativos, a magia que trobriandeses faziam quando ele adoecia. Mais que tudo, nos diz George Stocking Jr., é prova desses termos amigáveis o enorme material etnográfico que foi capaz de coletar – e que resultou na escrita de cinco monografias. Em suma, Malinowski certamente nunca deixou de ser um europeu para os trobriandeses, mas era “um europeu especial” (Stocking Jr., 1983, 105).
- 14 No que se segue, teço comentários sobre *Argonautas* especialmente em relação a quatro pontos:
- 15 (i) o fenômeno do *kula* como o principal “mistério etnográfico”, assim como apoio heurístico para a construção monográfica;
- 16 (ii) a perspectiva *intersubjetiva* – presente no que Malinowski chamou de simples “observação participante”;
- 17 (iii) o projeto de alcançar “o ponto de vista nativo”, ou melhor, “a teoria do outro”;
- 18 (iv) a relação entre etnografia e teoria, isto é, a conseqüente renovação teórica a partir de novas conquistas etnográficas – que resulta no questionamento das ideias de senso comum e das teorias acadêmicas.
- 19 Ao livro, então. A monografia resultou de uma pesquisa de campo prolongada – de maio de 1915 a maio de 1916, e de outubro de 1917 a outubro de 1918 – entre os habitantes do arquipélago de Trobriand, na Melanésia. Na segunda etapa Malinowski voltou ao campo determinado a pesquisar a fundo o “mistério etnográfico” do *kula* como um novo tipo de fato etnográfico que poderia ter equivalente em outros lugares. No campo, aprendeu a falar a língua coloquial trobriandesa, vivendo por longos períodos em uma tenda na aldeia de Omarakana, o que lhe permitiu certa facilidade para tomar parte nos eventos locais.

## O kula

- 20 O evento-chave da pesquisa é uma expedição marítima *kula*. Malinowski tornou esse fenômeno duplamente significativo: se ele era assaz importante para os trobriandeses, também o seria para a construção monográfica. O livro segue uma viagem *kula* ficcional que teria ocorrido nas diversas ilhas do arquipélago, parte da qual Malinowski presenciou, e outra parte reconstruiu a partir de relatos. Monografias deveriam levantar problemas e revelar fatos novos “de uma maneira precisa, mas não insípida”,

diz Malinowski (2018, p. 49). Optou por não traduzir o termo *kula*, e o manteve no original.

- 21 O *kula* era um gigantesco e elaborado sistema ritual em que se trocavam colares e braceletes de conchas, sem valor utilitário. De origem nobre e caráter intertribal, essa troca era desencadeada por parceiros definidos e praticada em um circuito fechado, em que longos colares (*soulava*) viajavam no sentido horário, e braceletes (*mwali*), no sentido oposto.



Oferecimento de um *soulava*

- 22 Objetos que faziam parte do *kula* não deveriam ficar na posse de alguém por muito tempo, mas ser passados adiante, o que os colocava sempre em movimento. As transações eram públicas e cerimoniais, e as parcerias, sendo duradouras, constituíam-se em relacionamentos intertribais em larga escala. Para Malinowski, longe de ser uma anomalia entre os trobriandeses, o *kula* sobrepunha-se, na concepção nativa, às práticas de comércio, à técnica de construção de canoas e às expedições marítimas – aspectos que Malinowski também descreve em detalhe. Dar ênfase ao *kula* era consequência da opção geral de dar voz aos nativos, aos então (ainda) considerados primitivos e selvagens, à sua “mentalidade”. Aspectos dessa “mentalidade” tinham equivalentes no mundo ocidental – por exemplo, as joias da Coroa britânica: feias, pesadas, mas valiosas e reverenciadas. Dar ênfase ao *kula* permitia também questionar as categorias “científicas” em vigor na época, como economia primitiva, magia, mitologia, linguagem.



Praia de Sinaketa durante um evento *kula*

- 23 Com essa estratégia monográfica instigante – isto é, tudo menos “insípida” –, Malinowski indicou que a apresentação de dados pode ser flexível e criativa, o que não impede a análise.

## Intersubjetividade

- 24 Isso nos remete ao fato de que, da metade para o final do século XIX (antes, portanto, da pesquisa de Malinowski), o critério para que um estudo fosse considerado científico era sua *objetividade*.<sup>7</sup> Nesse contexto, a curiosidade do ocidente sobre povos distantes, “primitivos”, deixou de se resumir a relatos impressionistas de viajantes, missionários ou funcionários do governo colonial ultramar. Em nome da “objetividade”, cientistas naturais entraram em cena no final do século XIX: zoólogos, psicólogos experimentais, médicos e linguistas tornaram-se mais respeitados que missionários ou funcionários metropolitanos. Os nomes lembrados dessa época incluem Alfred Haddon e Walter Spencer e, da famosa expedição ao Estreito de Torres, em 1898 e 1899, ficaram conhecidos W.H.R. Rivers, Charles Meyers e Charles Seligman.
- 25 Desse momento, depois descrito como “antropologia de varanda”, eram características, no campo, as filas de “informantes” entrevistados pelos estudiosos. A comunicação dominante resumia-se ao *pidgin*, a língua crioula local. A pesquisa de Radcliffe-Brown, que durou de 1906 a 1908, também foi em *pidgin*, com desempregados em volta de um campo de prisioneiros em Fort Blair, na Baía de Bengal.



Charles Seligman na Melanésia durante a expedição ao Estreito de Torres (1898–1899)<sup>8</sup>

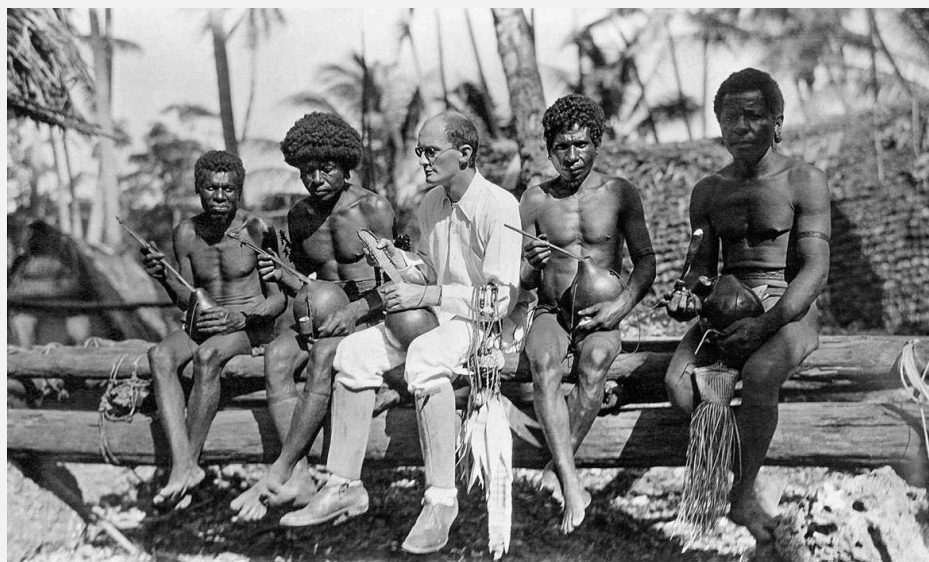
- 26 Malinowski promoveu uma ruptura nesses procedimentos de campo. Ele pôs em prática, e ampliou significativamente, as orientações de Rivers, a quem chamou em 1916 de o “santo padroeiro da pesquisa de campo”. Rivers havia proposto, na versão revisada de *Notes and Queries* de 1912, que o pesquisador deveria
- 27 (i) conhecer a língua dos nativos;
- 28 (ii) enfatizar o concreto para chegar ao abstrato;
- 29 (iii) reconhecer a motivação dos nativos;
- 30 (iv) usar de simpatia e tato; e
- 31 (v) considerar o emprego de termos nativos quando não reconhecesse uma categoria equivalente.
- 32 Isso significava que o trabalho etnográfico não deveria seguir a divisão ocidental – isto é, política, religião, educação, arte, tecnologia. Essas esferas dominantes no mundo ocidental poderiam ser inseparáveis em outros povos.
- 33 Malinowski colocou em prática a concepção de Rivers, embora o próprio Rivers ainda fizesse contato com os nativos em *pidgin* nas suas pesquisas. Mas Malinowski pretendia dar vida, densidade, materialidade à experiência da pesquisa e, *por seu exemplo*, servir de modelo para a antropologia. Assim, logo mudou o lugar da investigação etnográfica da varanda para o centro da aldeia. Ele o fez *literalmente*: fincou sua barraca junto dos trobriandeses e afastou-se das habitações dos funcionários britânicos coloniais.



À direita, a tenda de Malinowski

- 34 Também defendeu intransigentemente a comunicação na língua local e a permanência por longo tempo no campo, usou termos nativos, enfatizou o contexto de enunciação, e insistiu em uma perspectiva *etnográfica* (“de dentro”) em vez de *sociológica* (“de fora”). É dessa perspectiva que o *kula* tinha prioridade na monografia – porque era em função dele que datas cerimoniais eram marcadas, que atividades eram definidas e programadas, e que se organizavam as expedições e a grande festa cerimonial da troca de objetos. Também era em relação ao *kula* que se realizava magia e se construíam as canoas para as expedições. Ao etnógrafo restava “observar participando”: anotar, fotografar, comentar e produzir um diário de campo.
- 35 Monografias resultariam dessas atividades de pesquisa. No caso de *Argonautas*, Malinowski fez do leitor uma espécie de cúmplice, convidando-o a participar de suas descobertas e emoções, como se esse fosse o primeiro contato *dos dois*. Um trecho que se tornou famoso:
- Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista.
- 36 Logo depois:
- Imagine-se entrando pela primeira vez na aldeia, sozinho ou acompanhado de seu guia branco. Alguns dos nativos se reúnem ao seu redor, principalmente quando sentem cheiro de tabaco. Outros, os mais velhos e de maior dignidade, continuam sentados onde estão. Seu guia branco tem uma rotina própria para tratar os nativos; ele não compreende e nem se preocupa muito com a maneira como você, o etnógrafo, terá que se aproximar deles. À primeira visita ele se enche de esperança de que, ao voltar sozinho, as coisas serão mais fáceis. Era isso, pelo menos, que eu esperava.
- 37 Malinowski confessa que o *pidgin*, que usou no início para se comunicar, era precário e imperfeito. Depois de acompanhar o trabalho dos habitantes trobriandeses, passou a desenvolver um recenseamento da aldeia, anotando genealogias, esboçando desenhos e tomando nota dos termos de parentesco. No entanto, tudo o que fazia permanecia “material morto”, que nem de longe conseguia levá-lo a vislumbrar a verdadeira

*mentalidade* e o comportamento dos nativos. Afastando-se dos preconceitos dos “brancos” em relação aos então chamados “selvagens”, introduzindo empatia na relação com os nativos, o etnógrafo via-se aos poucos integrado na vida dos habitantes. Em seis meses, já falava a língua nativa. Diferente, então, de um negociante, um funcionário ou um missionário, Malinowski procurava ensejar uma observação o mais possível “imparcial e objetiva”, por meio de um “contato aberto e sincero”, até que “a carne e o sangue da vida real [preenchessem] o esqueleto vazio das construções abstratas” (2018, p.75). Ele incluía como parte fundamental os famosos *imponderáveis da vida real*, isto é, os imprevistos da vida cotidiana.



Malinowski com os trobriandeses

- 38 É o caso, então, de uma proposta de *intersubjetividade* entre o etnógrafo e as pessoas com quem convive – não mais os dados frios (ou “mortos”, nas palavras de Malinowski) coletados na varanda do missionário, supostamente “objetivos”, nem tampouco a “*subjetividade*” dos preconceitos dos brancos locais, que geralmente almejavam apenas transformar, influenciar ou usar os nativos em seus negócios. O etnógrafo pretende, portanto, chegar a um *contato intimista*. (Malinowski nota que alguns missionários “de mente aberta” conseguiam alcançar essa intersubjetividade depois de muitos e muitos anos de convivência com nativos.)
- 39 Rivers havia mencionado a necessidade de simpatia e tato; Malinowski tornou-os centrais na pesquisa por meio da comunicação em língua local e da permanência por longo tempo no campo. Essa rara combinação entre ciência e intersubjetividade converteu-se no modelo ideal do fazer etnográfico, favorecendo a combinação entre pesquisa e compromisso ético, vigente até hoje. Muitos autores contemporâneos, seguindo Malinowski, esclarecem como consideram a antropologia uma “ciência intersubjetiva” (Harrison, 2018; Pels, 2022).<sup>9</sup>

## A teoria do “outro”

- 40 Malinowski tinha como objetivo atingir “o ponto de vista nativo”. Apesar de questionada e criticada mais tarde como uma impossibilidade analítica, a expressão

tornou-se o ideal da disciplina, senão sua utopia. Mesmo inalcançável, transformou-se em meta dos etnógrafos.

- 41 A procura do ponto de vista nativo foi uma das heranças marcantes que Malinowski deixou para os futuros antropólogos, indicando que esse desafio só poderia ser alcançado se adotada uma perspectiva etnográfica, *interna, de dentro*. Em vários momentos, ele reafirmou essa posição, dizendo que adotava uma perspectiva sociológica, isto é, *de fora*, apenas quando “absolutamente indispensável” para definir termos e eliminar falsas concepções. A revolução no projeto antropológico resultou, assim, na consideração de que o trobriandês tinha suas próprias ideias, *suas próprias teorias*. Se ele não podia verbalizá-las, caberia ao etnógrafo formulá-las a partir do contraste das ideias ou teorias nativas com o conhecimento acadêmico da época.
- 42 É o que Malinowski procurou fazer ao longo da monografia. Como? Seguindo a imaginária viagem do *kula*, na qual vai fazendo paradas estratégicas, nos diversos capítulos do livro, para examinar questões acadêmicas da época. Por exemplo, com base na concepção *trobriandesa* do *kula*, ele contestou a noção do “homem econômico primitivo” – por essa concepção, os “primitivos” em geral se moveriam por uma ideia racionalista de interesse pessoal, atingindo seus objetivos com um mínimo de esforços.
- 43 Malinowski mostrou que o trobriandês trabalhava movido por razões de natureza altamente complexa. Trobriandeses eram racionais tanto quanto os modernos e sabiam, por exemplo, que a magia não faria uma canoa mais veloz nem resolveria a inaptidão de um construtor. Mas a magia favoreceria resultados positivos como uma atividade antecipatória – nos termos atuais, ela era “performativa”.
- 44 E assim Malinowski seguiu no livro: depois de refutar a noção de “economia” e a ideia do “homem primitivo”, passou a examinar a “mitologia do *kula*”, sobre a qual se baseiam os pormenores técnicos da troca. Mas foi em dois capítulos que se dedicou ao que podemos chamar principalmente de “*a teoria do outro*” – refiro-me aos capítulos sobre magia e mitologia, que desvendam a relação intrínseca entre elas, assim como as noções fisiológicas dos trobriandeses – a magia é principalmente verbal e sua força está *dentro* do ser humano, no abdômen, o que resulta, por sua vez, nas restrições alimentares correspondentes. Enfatizar o poder das palavras para os trobriandeses foi outro importante aspecto para o qual Malinowski contribuiu, abrindo caminho para considerações sobre o lado pragmático da linguagem.
- 45 O curioso é que, por muitas décadas, considerou-se que foi Malinowski o proponente de “uma teoria pragmática da linguagem”. A verdade é que Malinowski *não* propôs tal teoria, tampouco foi ele quem descobriu uma suposta função pragmática da linguagem. Malinowski apenas observou, *e transmitiu para nós*, leitores, a concepção que os *trobriandeses* tinham da linguagem. Tratava-se, nas palavras do próprio etnógrafo, de “uma teoria nativa das palavras na magia”.<sup>10</sup> Ele antecipava o que se tornaria uma premissa décadas depois: na magia, a linguagem é a mesma que se utiliza cotidianamente, mas rearranjada de forma mais simples ou mais complexa, com adições ou supressões, revisões na forma, rearranjos, intervenções nos sons – tudo que a torna “diferente” ou “especial”. Essa foi uma grande contribuição para a linguística, tanto quanto para a antropologia atual, que hoje introjetou essa consideração nos seus pressupostos básicos.

## Etnografia e teoria

- 46 Foi assim que, a partir de sua perspectiva etnográfica, Malinowski contribuiu para questionamentos, tanto do senso comum ocidental quanto do senso intelectual da época, indicando como descobertas etnográficas podem favorecer revisões teóricas e, assim, impulsionar novas perspectivas na antropologia com a proposta de “teorias etnográficas”.<sup>11</sup> Malinowski deixou-nos a lição-guia de que a (boa) etnografia não é apenas descrição; a etnografia implica, leva, conduz à reflexão teórica.
- 47 Dou três exemplos breves de como a própria etnografia trobriandesa serviu de impulso, senão de estímulo, para vários desdobramentos teóricos:



- 48 três anos após a publicação de *Argonautas*, isto é, em 1925, Marcel Mauss publicou o clássico *Ensaio sobre o dom*, em que focalizava trocas e contratos realizados por meio de presentes, em princípio voluntários, mas na realidade obrigatórios e de retribuição prescrita. O material trobriandês inspirou Mauss a definir o que chamou de “fenômenos sociais totais”, isto é, eventos ao mesmo tempo religiosos, jurídicos, estéticos, morais e morfológicos, que se constituem nos atos de dar, receber e retribuir; outra experiência foi a de Karl Polanyi, que, em *A grande transformação*, publicado em 1944, se inspirou nos exemplos melanésios descritos por Malinowski para indicar como a atividade econômica esteve sempre embutida nas relações sociais. Vem da linguística o último exemplo: em 1956, Roman Jakobson ampliou a concepção do evento linguístico ao definir as seis funções da linguagem (emotiva, conativa, referencial, metalinguística, poética e fática). Entre elas, empregou o mesmo termo utilizado por Malinowski (“fática”) para indicar como nativos testavam o canal de comunicação na magia.

## Reanálises

- 49 Outra marca da riqueza de etnografias pode ser indicada pelas reanálises a que foram submetidas. Especialmente entre 1960 e 1980, reanálises do material etnográfico trobriandês surgiram para provar que o próprio etnógrafo tinha deixado mais indícios no material publicado do que aquele necessário para seus propósitos imediatos. De um

lado, reanalisar um complexo material etnográfico expressava a *expertise* do novo antropólogo; de outro, ao apresentar dados etnográficos mais ricos que o apenas necessário, as reanálises tornaram-se um tipo de “homenagem” ao etnógrafo inicial<sup>12</sup>.

- 50 Esses e outros desdobramentos da etnografia trobriandesa possivelmente não teriam surpreendido Malinowski. No final do livro, ele antecipava que o *kula* seria uma troca de tipo inteiramente novo, mas deveria existir em outros lugares do mundo, assim como havia acontecido com o *tabu*, o *totemismo* e o *mana*. Se de um lado pode parecer que Malinowski era arrogante, de outro, o desenvolvimento da antropologia nos cem anos que se seguiram à publicação de *Argonautas* mostrou que ele estava certo. Ele conclui a monografia dizendo:

Ao captar a visão essencial do *outro*, com a reverência e verdadeira compreensão que se deve mesmo aos selvagens, estamos contribuindo para alargar a nossa própria visão. Não poderemos chegar à sabedoria e conhecer-nos a nós mesmos se nunca deixarmos os estreitos limites dos costumes, crenças e preconceitos em que todo homem nasceu (2018, p. 654. Grifo meu).

- 51 Ao completar cem anos, percebemos o quanto aprendemos com *Argonautas*.

52 \*\*\*

## Epílogo

### A respeito de Malinowski

- 53 Malinowski nasceu em Cracóvia, Polônia, em 1884, filho único de família culta da “pequena nobreza”: mãe instruída e pai professor de filologia eslavônica. O pai faleceu quando ele tinha 14 anos. Em razão de uma saúde frágil, “Bronio” (como era chamado pela família) passou a viajar com frequência para estações de água em companhia da mãe: foi à Itália, a ilhas mediterrâneas e ao norte da África, à Ilha da Madeira e às ilhas Canárias. Aos 18 anos, já falava italiano, alemão e espanhol, além do polonês.<sup>13</sup>
- 54 Estudou física, matemática, psicologia e filosofia na Universidade de Cracóvia. Aos 26 anos, quando decidiu estudar antropologia na London School of Economics, aprendeu inglês rapidamente. Durante a experiência de viagens, havia demonstrado claros dons linguísticos. Em 1913, sob recomendação de Charles Seligman, seu orientador (que havia sido membro da expedição do Estreito de Torres), e com fundos da London School of Economics, tornou-se delegado no Encontro Internacional da Sociedade Britânica para o Progresso da Ciência, realizado em quatro cidades australianas. Mas, ao desembarcar, tornou-se um *enemy alien* (estrangeiro inimigo) devido ao vínculo com o império austríaco – a guerra havia sido declarada na Europa durante sua viagem.
- 55 Estimulado por dois eminentes professores na Austrália, manteve seus planos de pesquisa e seguiu para a Nova Guiné assim que a conferência da Sociedade Britânica terminou. Permaneceu em Mailu de 1914 a 1915 e tomou conhecimento do fenômeno do *kula*. Voltou para a Austrália e fez a primeira pesquisa nas ilhas Trobriand de junho de 1915 a maio de 1916. Em 1917, retornou direto para uma segunda etapa nas ilhas Trobriand, onde ficou por um ano. Nessa época, já havia definido o *kula* como seu principal objeto etnográfico. No meio-tempo entre as duas pesquisas de campo, em 1916, conheceu Elsie Masson na casa do pai dela, um dos organizadores do encontro da Sociedade Britânica. Ela havia publicado um livro em Londres pela Macmillan, uma coletânea de artigos sobre a fronteira australiana. Na época da segunda pesquisa de

Malinowski, já era profundo o vínculo desenvolvido entre os dois; os diários de campo e as cartas revelam esses sentimentos mútuos. Casaram-se em 1919, contra a vontade dos pais de Elsie.

- 56 De volta à Europa, Malinowski escreveu *Argonautas* em apenas quatro meses. Com a primeira filha recém-nascida, e ainda sem emprego fixo, o casal decidiu passar o inverno (europeu) nas Ilhas Canárias, que ele conhecia da sua juventude. A meta era escrever 4 mil palavras por dia, e o manuscrito com o título *The Kula* foi finalizado em abril de 1921. Mas, como mencionei, a monografia só seria publicada um ano depois.



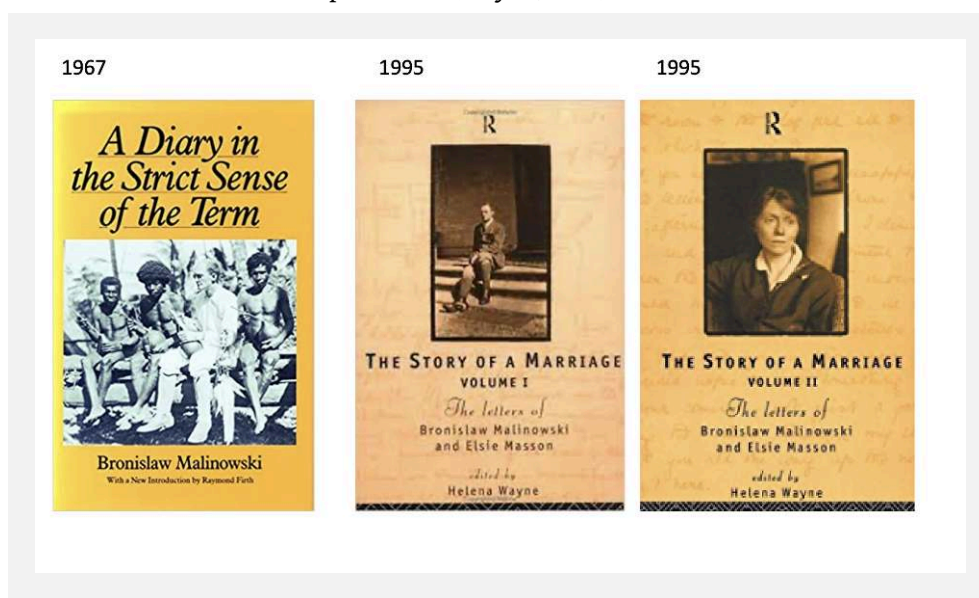
El Boquín, nas Ilhas Canárias: a casa onde Malinowski escreveu *Argonautas*<sup>14</sup>

- 57 Em 20 de julho de 1922, Elsie recebia sua cópia com a dedicatória: “To my collaborator, who had half the share at least and more than half the merit in writing this book”.
- 58 Nesse ínterim, Malinowski considerou um convite para ocupar uma cátedra na Polônia, mas o casal desistiu ao constatar, em breve viagem a Cracóvia, a pobreza do pós-guerra. Decididos a procurar um lugar de residência *quente e módico*, o casal seguiu a recomendação de um amigo e optou por uma pequena cidade ao sul do Tirol, em uma região anteriormente parte do império austro-húngaro, falante de alemão, que havia sido cedida à Itália depois da guerra. No final de 1922, mudaram-se provisoriamente para uma casa antiga, onde Malinowski continuou a trabalhar no material trobriandês. O casal já tinha duas filhas.
- 59 Por essa época, a London School of Economics ofereceu uma posição permanente a Malinowski, mas ele só começaria a ensinar em 1924: argumentou que precisava cuidar da saúde e trabalhar o material trobriandês ainda intocado. Com a perspectiva de um futuro mais garantido, o casal decidiu fixar-se em Oberbozen, na Itália, e, com um empréstimo, comprou uma casa – lá nasceu a terceira filha.



A casa da família Malinowski em Oberbozen<sup>15</sup>

- 60 Daí em diante, Malinowski viajava da Itália para a Inglaterra durante o ano letivo: ia para Londres nos períodos acadêmicos, morando em pensões em Bloomsbury, perto da London School of Economics, e viajava de volta para o norte da Itália assim que as aulas terminavam. A distância entre Elsie e “Bronio” resultou em inúmeras cartas trocadas entre eles que, junto dos diários, tornaram-se mais uma fonte da vida particular de Malinowski. As cartas foram publicadas pela filha caçula em 1995, em dois volumes que continham 19 anos de correspondência (Wayne, 1995).



O Diário e os dois volumes das cartas trocadas pelo casal Malinowski

- 61 Escreveram-se até que a saúde de Elsie se deteriorou devido à esclerose múltipla, quando toda a família se mudou para Londres.
- 62 Malinowski publicou o restante da etnografia trobriandesa até a morte de Elsie: *Crime and Custom in Savage Society*, em 1926; *Sex and Repression in Savage Society*, em 1927; *The Sexual Life of Savages*, em 1929; e *Coral Gardens and Their Magic*, em dois volumes, em 1935.

*Coral Gardens*, dedicada a Elsie (que ela, porém, não chegou a ver), foi a obra predileta de Malinowski, embora de pouca venda imediata.

- 63 Pelos relatos da época, sabemos que Malinowski foi um professor carismático, uma personalidade e um conferencista magnéticos. Tornou-se a figura dominante da antropologia, mas, para alguns, sua intolerância aos que não aceitavam suas ideias era opressiva. Na Inglaterra, seu brilho foi ofuscado em pouco tempo: na década de 1940, contestado por Radcliffe-Brown e seus seguidores, começou a ser criticado também por muitos de seus alunos. Talvez para contrabalançar o avanço da procura de “cientificidade”, propôs uma “teoria funcionalista”, que não foi considerada relevante.<sup>16</sup> O próprio Malinowski chegou a ironizar: “The magnificent title of the Functional School of Anthropology has been bestowed by myself, in a way on myself, and to a large extent out of my own sense of irresponsibility” (1932, p. XXIX). Nas últimas décadas, a recuperação da importância da pesquisa de campo parece ter estimulado uma reapropriação dos ensinamentos etnográficos de Malinowski.
- 64 Seus últimos tempos, ele passou nos Estados Unidos. Chegou em 1938 para um ano sabático, mas os sinais do conflito que levariam à Segunda Guerra voltaram a criar dificuldades por sua nacionalidade. Embora relutante em se afastar da London School of Economics, aceitou um convite da Universidade de Yale (após negociações com Harvard, Duke University e New School of Social Research). Lá viveu acompanhado da segunda mulher, a pintora Valetta Swann, e as três filhas do casamento com Elsie. Depois de três anos como professor temporário, foi admitido como permanente. Faleceu antes de tomar posse, vítima de um ataque cardíaco, em maio de 1942.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Alvarez Roldán, A. 1995. Malinowski and the origins of the ethnographic method. In: H.F. Vermeulen & A. Alvarez Roldán (eds.). *Fieldwork and Footnotes: Studies in the History of European Anthropology*. London: Routledge, pp. 143-155.
- Crapanzano, V. 1985. *Waiting: the Whites of South Africa*. New York: Random House.
- Daston, L. & P. Gallison. 2007. *Objectivity*. New York: Zone Books.
- Delgado Rosa, F. & H. Vermeulen (eds.). 2022. *Ethnographers before Malinowski* (EASA Series, v. 44). New York: Berghahn Books.
- Fernandes, F. 1961. A unidade das ciências sociais e a antropologia. *Anhemi*, v. 44, n. 132, pp. 453-470.
- Geertz, C. 1967. Under the mosquito net. *The New York Review of Books*. New York, 14 set.
- Harrison, K. 2018. Ethnography. In: Harrison, A.K. *Ethnography: Understanding Qualitative Research*. Oxford University Press, pp. 223-253.
- Kuper, A. 1986. An interview with Edmund Leach. *Current Anthropology*, v. 27 n. 4.

- Leach, E. 2000 [1957]. Malinowski's empiricism. In: E. Hugh-Jones & J. Laidlaw (eds.). *The Essential Edmund Leach*. New Haven: Yale University Press, v. I, pp. 44-62.
- Lebner, A. 2020. No such thing as a concept: a radical tradition from Malinowski to Asad and Strathern. *Anthropological Theory*, v. 20, n. 1, pp. 3-28.
- Malinowski, B. 1913. *The Family among the Australian Aborigenes*. London: University of London Press.
- \_\_\_\_\_. 1922. *Argonauts of the Western Pacific: an Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Malanesian New Guinea*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 1923. The problem of meaning in primitive languages. In: C.K. Ogden, & I.A. Richards. *The Meaning of Meaning*. London: Routledge & Kegan Paul, pp. 296-336.
- \_\_\_\_\_. 1926. *Crime and Custom in Savage Society*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 1927. *Sex and Repression in Savage Society*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 1929. *The Sexual Life of Savages in Northwestern Melanesia*. London: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 1935. *Coral Gardens and their Magic*. Bloomington: Indiana University Press. 2 v.
- \_\_\_\_\_. 1967. *A Diary in the Strict Sense of the Term*. London: Routledge & Kegan Paul.
- \_\_\_\_\_. 2018 [1922]. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ubu.
- Mauss, M. 1925. Essai sur le don. *L'Année Sociologique: nouvelle série*. vol. 1, pp. 30-186.
- Peirano, M. 2021. Argonautas, cem anos depois. *Horizontes Antropológicos*, ano 27, n. 61, pp. 379-403.
- Pels, P. 2014. After objectivity: an historical approach to the intersubjective in ethnography. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, v. 4, n. 1, p. 211-236.
- Polanyi, K. 1978. *The Great Transformation: the Political and Economic Origins of our Time*. Boston: Beacon Press.
- Skalník, P. 1995. Bronislaw Kasper Malinowski and Stanislaw Ignacy Witkiewicz. In: H. F. Vermeulen & A. Alvarez Roldán (eds.). *Fieldwork and Footnotes: Studies in the History of European Anthropology*. London: Routledge, pp. 129-142.
- Stocking Jr., G. 1968. Empathy and antipathy in The Heart of Darkness. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 4, pp. 189-194.
- \_\_\_\_\_. 1983. The ethnographer's magic: fieldwork from Tylor to Malinowski. In: Stocking Jr., G. (ed.). *Observers Observed: Essays on Ethnographic Fieldwork*. Madison: The University of Wisconsin Press, pp. 70-120.
- Strathern, M. 2018. Infrastructures in and of ethnography. *ANUAC*, v. 7, n. 2, pp. 49-69.
- Wayne, H. (ed.) 1995. *The Story of a Marriage: the Letters of Bronislaw Malinowski and Elsie Masson*. London: Routledge, 2 v.
- Young, M. W. 2014. Writing his life through the Other: the anthropology of Malinowski. *The Public Domain Review*, 22 Jan. Disponível em: <https://publicdomainreview.org/essay/writing-his-life-through-the-other-the-anthropology-of-malinowski>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

## NOTAS

1. Esse texto é uma versão mais concisa da aula que apresentei no curso ministrado pela professora Susana Durão sobre "Histórias & Teorias da Antropologia", na Unicamp, em maio de 2021. Durante o ano de 2022, apresentei variantes do texto na Universidade Federal Fluminense, na Universidade Federal do Piauí e na celebração do centenário de *Argonautas* pela Editora Ubu. Minha versão mais abrangente está em Peirano (2021). Exceto as fotos com indicação das fontes, todas as demais foram obtidas na Internet.
2. Ver, por exemplo, Alvarez Roldán (1995), Harrison (2018), Lebner (2020), Pels (2014), Skalník (1995), Strathern (2018) e Young (1994).
3. Uma publicação recente focaliza doze etnógrafos que fizeram pesquisa de 1870 a 1922, antes de Malinowski (Delgado Rosa & Vermeulen, 2022).
4. Em 1961, Florestan Fernandes advertiu os antropólogos da necessidade de aprimorar seus critérios teóricos, porque, levados pela ênfase empírica, haviam deixado de lado o rigor necessário ao campo das ciências sociais (Fernandes, 1961).
5. A publicação dos *Diários*, em 1967, causou grande comoção entre os antropólogos da época (ver Geertz, 1967), mas essa crítica foi contida por Stocking Jr. (1968) em seguida.
6. Conferir o original: <https://www.youtube.com/watch?v=0AZNf6PWI6I>, consultado em 24 de junho de 2022.
7. Ver o livro de Daston e Gallison (2007), que, embora recente, já é considerado fundamental no tema.
8. Fonte da foto: Stocking Jr, G. 1983, p. 82.
9. A empatia entre pesquisador e nativos foi testada em 1985 por Vincent Crapanzano. Em seu livro sobre os “brancos” da África do Sul, ele se pergunta se seria possível fazer etnografia com “nativos” reprováveis, um desafio malinowskiano.
10. Um ano depois da publicação de *Argonautas*, Malinowski (1923) fez sua importante contribuição à linguística em um apêndice ao livro de Ogden e Richards e, em 1935, publicou o clássico “An Ethnographic Theory of Language”, como parte do volume II de *Coral Gardens and Their Magic*.
11. Em 1957, Edmund Leach comentou: “...that Malinowski was an imaginative genius of a high order there can be no doubt; but he had a bias against abstract theory which kept his imagination firmly earthbound. The result was a unique and paradoxical phenomenon – a fanatical theoretical empiricist” (Leach, 2000, p. 45).
12. São exemplos de reações e reanálises ao material trobriandês de Malinowski:  
LEACH, Edmund. Concerning Trobriand clans and the kinship category *Tabu*. In: GOODY, Jack (ed.) *The developmental cycle in domestic groups*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.  
..... *Rethinking anthropology*. London: Athlone, 1961.  
LEACH, Jerry W. Introduction. In: LEACH, Jerry; LEACH, Edmund (orgs.). *The Kula: new perspectives on Massim exchange*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 1-26.  
LEACH, Jerry; LEACH, Edmund (orgs.). *The Kula: new perspectives on Massim exchange*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.  
LOUNSBURY, F. Another view of the Trobriand kinship categories. *American Anthropologist*, v. 67, n. 5, p. 142-185, 1965.  
TAMBIAH, Stanley J. The magical power of words. *Man*. v. 7, n. 3, p. 175-208, 1968.

----- . On flying witches and flying canoes: the coding of male and female values. In: ----- . *Culture, thought and social action*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985. p. 287-315.

----- . Edmund Ronald Leach, 1910-1989. *Proceedings of the British Academy*, v. 97, 1989, p. 293-344.

TOOKER, Deborah. *When gender moves around: the sexual nature of Kula*. Special Paper. Manuscrito, Harvard University, 1986.

UBEROI, J. P. S. *Politics of the Kula Ring: an analysis of the findings of Bronislaw Malinowski*. Manchester: Manchester University Press

WEINER, Annette. *Women of value, men of renown: new perspectives in Trobriand exchange*. Houston: University of Texas Press, 1976.

**13.** A maior parte das informações desta seção foram obtidas nos volumes editados pela filha mais nova do casal Elsie Masson e Bronio Malinowski (Wayne, 1995).

**14.** Fonte da foto: Wayne, H. 1995, vol. II, p.15.

**15.** Fonte da foto: Wayne, H. 1995, vol. II, p. 30.

**16.** Exceto no Brasil. *Uma teoria científica da cultura* foi aqui publicada quinze anos antes de *Argonautas*, em 1962, possivelmente pelo atrativo da ideia de “teoria”, então considerada o lado oposto da “empíria”. Ver nota n. 4.

---

## AUTOR

### MARIZA PEIRANO

Professora emérita da Universidade de Brasília

Departamento de Antropologia

Email: [mariza.peirano@gmail.com](mailto:mariza.peirano@gmail.com)